

REFLEXÕES SOBRE O ALENTEJO NUMA ÉPOCA DE GLOBALIZAÇÃO¹

Marcos Olímpio Gomes dos Santos²

RESUMO

Na comunicação aborda-se inicialmente a problemática da globalização, para de seguida se proceder a uma breve caracterização do Alentejo e à discussão das questões que se levantam sobre os desafios que se colocam à região face à dinâmica dum ambiente da qual emergem várias ameaças, mas também algumas oportunidades.

Palavras chave: Alentejo; Análise SWOT;³ Desenvolvimento; Globalização

ÍNDICE

Introdução.....	1
A Globalização e o Desenvolvimento.....	3
O Alentejo e o ambiente numa época de globalização.....	7
A evolução provável e as respostas do Alentejo numa época de globalização.....	15
Discussão e Conclusões.....	21
Bibliografia.....	22

Évora, 25 de Julho de 2011

¹ Comunicação elaborada com base na tese de doutoramento defendida pelo autor em 1998, e intitulada *Alentejo 2010: O cenário mais provável*. Versão revista do texto elaborado em Novembro de 2000.

² Investigador externo no Centro de Investigação em Sociologia e Antropologia “Augusto da Silva”. Ex-Professor Auxiliar no Departamento de Sociologia da Universidade de Évora

³ Também conhecida por análise DAFO, de **D**ebilidades (*Weaknesses*), **A**meaças (*Threats*), **F**orças (*Strengths*), **O**pportunidades (*Opportunities*)

INTRODUÇÃO

A situação que se nos depara actualmente e as tendências dessa situação, de que se salienta o agravamento de algumas assimetrias regionais e locais, no quadro de um processo de globalização, coloca a necessidade do raciocínio prospectivo, facto que motivou o autor para realizar entre 1990 e 1997 um estudo prospectivo sobre o Alentejo. Através desse estudo, do qual se dá a conhecer alguns excertos que se prendem com a problemática da globalização, procurou-se conhecer qual seria a situação socioeconómica e espacial mais provável do Alentejo em 2010, segundo a opinião de testemunhas privilegiadas, tendo em conta a evolução (mais provável) das envolventes nacional, comunitária e internacional, bem como o presente e o passado endógenos (condicionados pelo presente e pelo passado exógenos), para num segundo momento emitir os contributos explicativos que permitam compreender os resultados da pesquisa efectuada.

Como fontes de informação sobre a componente prospectiva, bem como sobre a leitura da situação actual que se vivia então no Alentejo, e ainda sobre a evolução retrospectiva da região, foram considerados os três seguintes universos:

- 1º - Conhecedores privilegiados da realidade alentejana (o universo fundamental). A amostra abrangeu inicialmente sessenta e um respondentes (dos quais só cinquenta colaboraram até à fase final do inquérito), e cujas funções políticas, cívicas, ou actividade profissional, presente ou pretérita, abrangesse a totalidade da região, e/ou fossem autores de publicações sobre o Alentejo;⁴
- 2º - Presidentes de câmaras municipais (universo adjuvante). Dos quarenta e seis contactados, responderam ao inquérito trinta e nove;
- 3º - Jovens com mais de 15 anos estudantes em escolas C+S e secundárias, tendo a amostra atingido quinhentos e oitenta respondentes (universo adjuvante).

Sublinhe-se que os elementos destes dois últimos universos foram inquiridos na fase exploratória do trabalho (1989-90), com a estrita finalidade de na altura recolher informação que permitisse conhecer a leitura de alguns agentes da região sobre a situação futura, actual e pretérita do Alentejo, por forma a alargar o domínio sobre as pistas então abertas e referentes ao tema seleccionado.

⁴A forma de selecção destes inquiridos enquadra-se numa primeira fase no procedimento designado por *amostragem intencional*, ou seja os respondentes (testemunhas privilegiadas) incluídos no primeiro conjunto (quinze) foram seleccionados de uma forma deliberada, e não aleatoriamente como é usual, atendendo ao respectivo conhecimento (expresso em publicações seleccionadas para o efeito sobre o Alentejo) e/ou inserção (cargos desempenhados em organizações fundamentais da região: desenvolvimento, ordenamento, ambiente, política, saúde, educação, ONG), tendo em atenção que esta seria a via mais adequada e eficaz para melhor se atingir os objectivos estabelecidos. Numa segunda fase, e a partir do núcleo seleccionado inicialmente, teve lugar um processo de *amostragem em bola de neve*, no qual os inquiridos indicaram quais seriam outra testemunhas privilegiadas com as características apropriadas para responderem ao inquérito. Este sub-universo foi questionado sobre a situação de diversas variáveis em 1990, provável evolução, e provável situação em 2010. Variáveis essas que caracterizam a situação no âmbito do desenvolvimento, da população, do ordenamento do território, do ambiente e da qualidade de vida.

As opiniões dos respondentes, algumas das quais que se apresentam mais à frente, foram recolhidas através de inquérito, mediante o qual se procurou conhecer qual o futuro provável que esses respondentes traçavam para o Alentejo no horizonte do ano 2010.⁵

Para apresentação do raciocínio que se quer agora transmitir, considerou-se conveniente estruturar a comunicação pelos seguintes tópicos: A Globalização e o Desenvolvimento; O Alentejo e a envolvente numa época de globalização; As respostas do Alentejo numa época de globalização; Discussão e Conclusões

⁵ Os instrumentos de recolha de opinião que recolhem opiniões sobre o futuro (provável, possível ou desejável), são designados por inquéritos Delphi

A GLOBALIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO

A evolução do processo histórico ao longo do qual os homens foram modificando as suas condições de vida e a vida das suas condições (através das instituições maiores: económica, política, religiosa, familiar, educativa e recreativa) coloca-nos hoje perante uma situação designada por globalização.

Este fenómeno traduz-se segundo P. A. Feio (1998), M. Murteira (1995), J. Reis (s.d.), Sardenberg (1996), Macewan (1994) num processo de crescente consolidação de mecanismos de concorrência ou de cooperação à escala planetária, e que pressupõe a existência de estratégias competitivas globais, tanto no que se refere à organização da produção como aos mercados, associadas a um movimento de desterritorialização que, sendo mais do que a resultante das relações inter-nacionais, que predominam em fases anteriores, tende a dar do mundo a ideia de uma unidade de análise com autonomia reguladora que integra, ela própria, as demais escalas da vida social, sejam elas as nações, as regiões ou os territórios locais.

Neste processo divisa-se a recomposição e a abrangência, ao nível planetário, do sistema económico de mercado,⁶ o que significa que a mundialização do capitalismo, na actual fase do seu desenvolvimento, ultrapassou a etapa internacional (sem, todavia, a anular) entrando na fase transnacional, a qual requer dos seus actores mais influentes, as Empresas Trans-Nacionais (ETN), estratégias e comportamentos globais, no sentido antes referido.

A globalização impele ao acesso a uma «cultura global» não só ao nível dos aspectos materiais ou instrumentais acima mencionados, mas também em termos de uma certa visão do mundo que é explícita ou implicitamente solicitado,⁷ e traduz-se nos seguintes traços: i) reorganiza o sistema político e económico internacional, ii) corresponde ao aprofundamento da internacionalização (ou descentralização) da produção, iii) estimula a recomposição do sistema produtivo, com a reorganização da estrutura empresarial, iv) torna móvel o capital, alterando a qualidade e as mobilidades dos fluxos financeiros, v) faz avançar uma profunda revolução tecnológica, na qual a telemática é apenas um dos aspectos principais, vi) reorganiza as formas de inserção na economia mundial, das distintas regiões do planeta, vii) concentra a produção de certos serviços estratégicos, tais como pesquisa e desenvolvimento, consultoria, desenho industrial, financiamento, embalagem, comercialização e lançamento de novos produtos, inclusive mundiais,⁸ viii) altera o factor trabalho e as condições de

⁶ O que significa que a moderna globalização envolve uma ampla vaga de disseminação do capitalismo. Verifica-se assim que não só os antigos, o ex, e os actuais países socialistas, entraram na órbita do capitalismo como ainda nas regiões subdesenvolvidas da América Latina, Ásia e África, as herdades familiares, a agricultura semi-feudal, as pequenas lojas e a produção caseira estão a ser progressivamente substituídas pela galopante empresa capitalista. (P. A. Feio, 1998; M. Murteira, 1995; J. Reis, s.d.; Sardenberg, 1996; Macewan, 1994).

⁷ Nessa visão do mundo incluem-se o consumismo insaciável, certa habituação a cenas e práticas primárias de sexo e violência, a convicção implícita nos méritos da «economia de mercado», a interpretação idealizada do papel dos EUA como protectores dos direitos humanos no planeta, etc. A visão do mundo por parte da dimensão nacional tende a relativizar-se e a subordinar-se a essa «cultura global». (P. A. Feio, 1998; M. Murteira, 1995; J. Reis, s.d.; Sardenberg, 1996; Macewan, 1994).

⁸ O conceito de globalização surge-nos associado à evolução das estratégias empresariais, em particular -mas não só- no que toca ao *marketing*. É fácil perceber que a transnacionalização implica globalização na medida em que as ETN, carecem, pela sua própria natureza, de estratégias globais em todos os domínios: investimento, produção, finanças,

emprego, ix) provoca profundas transformações estruturais nas sociedades em que penetra, ao passo que exclui ou marginaliza as demais, e x) põe em questão a viabilidade das culturas nacionais.

No que se refere mais especificamente à globalização económica, esta associa-se assim ao globalismo político, à revolução tecnológica em curso, à visão planetária que inclui as preocupações ecológicas em curso, às inquietações filosóficas e estéticas diante do possível advento da pós-modernidade. Para além destas características a globalização está na origem de uma nova estratificação internacional do poder.

Constata-se pois, que cada vez mais, por todo o mundo, as mesmas coisas estão a ser feitas da mesma forma e para os mesmos tipos de mercado. Esta homogeneidade é uma característica que distingue a moderna globalização. Outra característica que a distingue é a reduzida regulamentação do movimento internacional de mercadorias e capital. A desregulamentação, exemplificada pelos acordos firmados, primeiro através do GATT e, actualmente através da OMC, facilita quer a integração quantitativa quer a homogeneidade qualitativa." (Macewan, 1994).⁹

Este processo que suscita simultaneamente o interesse e a curiosidade, e, mesmo o protagonismo do local, lega-nos hoje uma paisagem económica na qual se podem divisar, numa óptica redutora mas interessante, áreas com características diferentes (congestionadas, subdesenvolvidas e deprimidas), nas quais se colocam problemas diferentes, mas que se traduzem em proporcionar aos seus habitantes condições satisfatórias de vida que se podem conceptualizar em conceitos como os de Desenvolvimento, Ordenamento do Território, Ambiente e Qualidade de Vida.

É sobre o conceito de desenvolvimento como objectivo político, desiderato humano, e imperativo funcional que irá incidir seguidamente a comunicação.

Para autores como A. S. Lopes (1986) e M. M. Silva (1982), o desenvolvimento consiste no acesso de todos, onde quer que vivam, aos bens e serviços e às oportunidades consideradas mais essenciais, no sentido da satisfação das necessidades básicas. Definição que permite respeitar a relatividade espaço-temporal, devendo por isso falar-se em sistema de necessidades, na medida em que os critérios de aferição do desenvolvimento vão-se modificando no tempo, eventualmente ir-se-ão tornando mais apurados, mais exigentes, mas não são os mesmos, até porque as mentalidades evoluem e as novas gerações podem adquirir o espírito crítico que, de uma forma lenta ou brusca, promova a revisão dos objectivos, dos padrões, dos valores. Esta definição permite também manter ainda um carácter operativo e realista porque susceptível de incorporar a determinante política que lhe deve ser inerente e que vai ter tradução no que em cada momento for definido como essencial e no grau da essencialidade, isto é, na definição dos objectivos de política tendo em atenção o realismo dos meios.

marketing, recursos humanos, I&D. (P. A. Feio, 1998; M. Murteira, 1995; J. Reis, s.d.; Sardenberg, 1996; Macewan, 1994).

⁹ Neste aspecto, merece referência particular a globalização dos circuitos monetários e financeiros -de que o cartão de crédito é um exemplo-, a qual permite, em cada ponto no tempo e no espaço, e com apoio nas modernas tecnologias da informação e da comunicação, movimentações volumosas de capitais, designadamente para fins especulativos ... A globalização no sentido que vimos referindo, coloca problemas de difícil solução. Apercebemo-nos disso ao analisar os novos significados do *regional* (no sentido de agrupamento de Estados-nação, como a União Europeia ou a Associação Norte Americana do Comércio Livre, conhecida pela sigla NAFTA), *do nacional e do local*. (Murteira, 1995).

Deve ser assim uma mudança, orientada para a melhoria das condições de vida dos seres humanos, e deve visar aumentar o nível de satisfação das necessidades e aspirações de uma dada população, especialmente dos seus estratos mais pobres, permitindo-lhe viver no espaço em que se encontram, mobilizando os diferentes recursos disponíveis e potenciais (recursos humanos, materiais e financeiros) com vista à optimização da sua utilização, no contexto das condicionantes criadas pelas relações internacionais.

Trata-se portanto de um processo de mudança global com vista a concretizar transformações harmoniosas e que deve incidir, não só sobre a economia, mas também sobre os comportamentos das pessoas (componente psicológica), sobre as relações sociais (componentes sociológicas), sobre os valores (componente cultural), e sobre as instituições (componente institucional), devendo ser participado a todos os níveis, o que implica, entre outros requisitos, a repartição equitativa dos seus frutos.¹⁰

Dimensões/Vertentes do Desenvolvimento

Verificando-se que as diferentes escalas territoriais apresentam níveis desiguais de dinamismo económico, social, cultural, tecnológico, capacidade de polarizar (atração), ou incapacidade de sustentar (repulsão) como avaliar o grau de diferença entre áreas seleccionadas? Pode-se recorrer a duas dimensões: i) a dimensão objectiva na qual se incluem indicadores que espelhem os aspectos observáveis e/ou mensuráveis tais como infra-estruturas, equipamentos (*hardware*) e do imaterial (*software*) e, ii) a dimensão subjectiva que incide sobre o estado de espírito dos cidadãos (grau de optimismo/pessimismo) no que se refere à situação actual e perspectivas sobre o local onde vivem.

-objectiva-

Na dimensão objectiva, podem-se portanto incluir tópicos tais como: i) infra-estruturas para prestação de serviços sociais (tanto quanto possível geridos localmente), ii) capital humano, (aperfeiçoado através de acções de educação e formação profissional), iii) dotação em infra-estruturas económicas, (com especial relevo para as telecomunicações e os transportes), iv) ambiente preservado (como factor de qualidade de vida e, também como bem económico), v) capacidade empresarial local, (incluindo o acesso ao sistema bancário), vi) redes de inovação e de cooperação dos agentes da área (e sua ligação a naturais da zona que exerçam a sua actividade noutras regiões), vii) mecanismos de apoio especial ao investimento produtivo, viii) redes de comercialização e *marketing* das produções da zona;

-subjectiva-

Grosso modo pode-se considerar relativamente desenvolvido, de um ponto de vista subjectivo, o local onde a esmagadora maioria dos seus habitantes reconheça perspectivas

¹⁰ Mas a questão que se coloca é a de questionar se existem áreas geográficas plenamente desenvolvidas.

À luz do conceito não existem áreas geográficas (continentes, países, regiões, sub-regiões, concelhos) desenvolvidas, ou se existem são raríssimas, na generalidade o que existe são áreas mais ou menos desenvolvidas de acordo com o padrão que se tome por referência. Mesmo naquelas onde o nível de vida médio é elevado, existe exclusão, veja-se o exemplo dos países considerados mais desenvolvidos assolados por fenómenos tais como: desemprego, pobreza, toxicodependência, racismo.

O desenvolvimento é assim uma aspiração, um desiderato para o qual se tende, e não um estado ao qual já se chegou, ou seja apesar do que já se fez, e de onde se chegou, há sempre algo mais a fazer, por isso são postos em causa e/ou caem governos nacionais, regionais e locais nos países democráticos mais ricos do mundo. O desenvolvimento é portanto um processo sempre em aberto e em reformulação, ou seja o desenvolvimento requer sempre mais desenvolvimento.

favoráveis para si própria e para as gerações vindouras, o mesmo é dizer, o local, do qual (depois de comparado com outros), a população activa não sinta desejo de emigrar; portanto, quando na generalidade as referências ao que se considera positivo, emitidas pelos agentes (nomeadamente os activos), suplanta as referências sobre o que se considera negativo. Ou seja, um local apresenta condições subjectivas propícias ao desenvolvimento, quando em termos de balanço se considera positivo ou favorável continuar a viver onde se vive porque o presente se considera pelo menos aceitável, e o futuro se apresenta como promissor. Essas condições podem assim referir-se a um *desenvolvimento subjectivo efectivo*, ou ainda nos casos de locais que se encontram na expectativa de um processo ascendente, referir-se a um *desenvolvimento subjectivo em potência ou latente*, e este inclui os agentes aí residentes, os agentes retornáveis (os autóctones emigrados que tencionam voltar) ou os agentes cativáveis/mobilizáveis (os activos do exterior que podem ser ganhos para aí se estabelecerem)

Para que um processo de desenvolvimento seja o mais conseguido possível tem de obedecer aos seguintes requisitos: sustentabilidade, integração, focalização territorial e endogeneidade.

A sustentabilidade significa que um processo de desenvolvimento deve permitir a satisfação das necessidades das gerações actuais sem que se comprometa a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades. Para que o desenvolvimento seja sustentável, tem de observar os seguintes seis objectivos fundamentais que devem guiar todas as decisões referentes ao desenvolvimento futuro, e na procura do qual devem ser desenvolvidas políticas eficazes: i) Conservar os recursos, ii) Optimizar as potencialidades e as forças, iii) Erradicar ou minimizar as debilidades/fraquezas, iv) Preservar a qualidade ambiental, v) Promover a equidade social, e vi) Incentivar a participação política.

A integração, significa que no processo de desenvolvimento deve considerar e articular os diferentes aspectos que respeitam à vida de uma comunidade: o económico, o cultural, o ambiental e respectivas implicações de uns sobre os outros.

A focalização territorial refere-se à necessidade de considerar o desenvolvimento como uma dinâmica com base dos territórios, e não desterritorializado.

A endogeneidade que consiste num processo autónomo, mediante o qual uma comunidade deve escolher consciente e livremente o modelo do quer ser, optimizando o aproveitamento dos seus recursos.

É no quadro da globalização com o que negativo e positivo arrasta, que ao Alentejo se colocam problemas de desenvolvimento, num novo panorama cada vez mais exigente e mais complexo.

O ALENTEJO E A ENVOLVENTE NUMA ÉPOCA DE GLOBALIZAÇÃO

Um sistema territorial regional é um sistema aberto, realiza trocas com outros sistemas exteriores, emite *outputs*, e recebe *inputs* diversos que lhe podem provocar mudanças em equilíbrio ou mudanças estruturais, nesta perspectiva depende muito de factos e de factores que ocorrem nos sistemas envolventes, os quais suscitam ameaças diversas e proporcionam oportunidades várias. Daí que seguidamente se refira a informação que permita conhecer alguns desses factos e factores, bem como ameaças e oportunidades a considerar, e assim proporcionar bases para se compreender a respectiva importância para o Alentejo. Para tanto ir-se-á referenciar quais são no final do século XX e na primeira década do século XXI, as ameaças concorrenciais que o nosso país em geral e o Alentejo em particular, enfrentam, como a seguir se explicita.

Quadro 1

A GEOGRAFIA DAS AMEAÇAS (por parte de países da UE)

Itália	Espanha	Grécia
Cerâmica (líder mundial)	Cerâmicas	
Confecção (líder em div. Segmentos)	Calçado (gama média)	Confecção
Rochas ornamentais (líder mundial)	Fios e cabos eléctricos	Calçado
Curtumes (80 % das firmas da CEE/UE)	Têxteis lar	Fios e cabos eléctricos
Indústrias de bens de equipamento ligadas a sectores tradicionais	Química de base	Têxteis-lar
	Fileira automóvel	
	Linha branca	
	Vinhos	

Fonte: *Exame*, Junho/1991

Paralelamente, de outras origens advêm também ameaças que com maior ou menor gravidade se podem repercutir sobre as actividades produtivas do país e do Alentejo, das quais se dá conta no quadro seguinte

Quadro 2
A GEOGRAFIA DAS AMEAÇAS (por parte do resto do mundo)

Leste e URSS	Outros OCDE	Tigres do Pacífico* e países em desenvolvimento
Agro-alimentar	Electrónica	Electrónica e microelectrónica
Fileira florestal	Fios e tecidos gama alta	Calçado gama baixa e média
Nichos de software	Fios e cabos eléctricos	Confecção gama baixa e média
Pasta para papel	Farmacêutica	
	Linha branca	
	Telecomunicações	
	Química	

*Taiwan, Singapura, Coreia do Sul e Hong-Kong

Fonte: *Exame*, Junho/1991

Mas a par destes constrangimentos que se deparam a Portugal e ao Alentejo, algumas oportunidades poderão ser encaradas pelo país e pela região, com base nas actividades que mais prometedormente se apresentam na actualidade.

Quadro 3
NEGÓCIOS DO FIM DO SÉCULO

Sector	Taxas de crescimento (%)	Aumento de peso na indústria (%)
Rochas ornamentais	7,5	100
Indústrias de bens de equipamento (exclui máq. eléctricas)	7,3	100
Máquinas eléctricas e electrónica	6,5	100
Metarlugia não ferrosa (novos segmentos do estanho e cobre)	5,8	90
Vidro	4,4	20
Fileira automóvel	3,9	0
Mobiliário e madeira	3,9	185
Pasta para papel	3,9	108
Artes gráficas	3,6	18
Cerâmica	3,6	17
Químicas ligeiras	3,5	9

Fonte: *Exame*, Junho/1991

Mais circunstanciada e especificamente para o Alentejo, no horizonte temporal considerado, a envolvente nacional e supra-nacional gera actualmente, e presume-se que continuará a

gerar nos próximos 10 anos, as oportunidades abaixo indicadas, que a região (de acordo com as respectivas potencialidades e debilidades) aproveitará ou não.

Quadro 4
OPORTUNIDADES QUE SE DEPARAM AO ALENTEJO

Nº	TIPO DE OPORTUNIDADE
1	Possibilidade do reforço de valorização da imagem de qualidade da região
2	Vantagens, em termos nacionais e europeus, decorrentes do posicionamento geo-estratégico do Alentejo
3	Procura nacional de produtos tradicionais agro-pecuários alentejanos
4	Procura internacional de produtos tradicionais agro-pecuários alentejanos
5	Procura nacional de zonas preservadas ambientalmente para fins turísticos e de lazer
6	Procura internacional de zonas preservadas ambientalmente para fins turísticos e de lazer
7	Procura nacional de zonas com identidade cultural acentuada para fins turísticos e de lazer
8	Procura internacional de zonas com identidade cultural acentuada para fins turísticos e de lazer
9	Procura nacional de rochas ornamentais
10	Procura internacional de rochas ornamentais
11	Reorientação das motivações de localização por parte das empresas nacionais
12	Reorientação das motivações de localização por parte das empresas da EU
13	Reorientação das motivações de localização por parte das empresas de outros países
14	Apoio institucional à produção regional
15	Deseconomias de aglomeração na área metropolitana de Lisboa
16	Aumento do interesse nacional pelo turismo balnear no litoral do Alentejo
17	Aumento do interesse internacional pelo turismo balnear no litoral do Alentejo
18	Procura nacional de minerais piritosos
19	Procura internacional de minerais piritosos

Fonte: Inquérito Delphi

Simultaneamente, a envolvente apresenta(rá) as também as seguintes ameaças, susceptíveis de prejudicar as potencialidades, ou agravar as debilidades identificadas no Alentejo (v: Quadro 5).

Ainda que nem todas essas ameaças tenham o mesmo peso, cada uma delas não deixa contudo de afectar de alguma maneira o futuro da região, colocando desafios que não raro, ultrapassam a capacidade de resposta dos actores regionais.

Quadro 5
AMEAÇAS QUE IMPENDEM SOBRE O ALENTEJO

Nº	TIPO DE AMEAÇA	Nº	TIPO DE AMEAÇA
1	Oferta de emprego na área metropolitana de Lisboa	22	Livre circulação de pessoas na U.E.
2	Oferta de emprego no litoral do Algarve	23	Livre circulação de capitais na U.E.
3	Peso político e capacidade reivindicativa das restantes regiões nacionais	24	Agressividade concorrencial de produtos agro-pecuários provenientes de países da U.E.
4	Vantagens de localização para empresas nacionais oferecidas pelo litoral norte	25	Agressividade concorrencial de outros produtos provenientes de países da U.E.
5	Vantagens de localização para empresas estrangeiras oferecidas pelo litoral norte	26	Abrandamento, estagnação ou reduzido crescimento da economia comunitária
6	Vantagens de localização para empresas nacionais oferecidas pelo litoral centro	27	Diminuição ou cessação dos fundos estruturais
7	Vantagens de localização para empresas estrangeiras oferecidas pelo litoral centro	28	Agressividade concorrencial dos produtos agro-pecuários provenientes de países do norte de África
8	Vantagens de localização para empresas nacionais oferecidas pela área metropolitana de Lisboa	29	Agressividade concorrencial dos produtos agro-pecuários provenientes de outros países
9	Vantagens de localização para empresas estrangeiras oferecidas pela área metropolitana de Lisboa	30	Agressividade concorrencial de outros produtos provenientes de outros países
10	Concorrência turística do interior norte	31	Vantagens de localização para as empresas nacionais oferecidos pelos países do Leste
11	Concorrência turística do interior centro	32	Vantagens de localização para as empresas nacionais oferecidos pelos países asiáticos
12	Concorrência turística do barrocal e serra do Algarve	33	Vantagens de localização para as empresas nacionais oferecidos pelos PALOP
13	Taxa de juro nacional elevada	34	Vantagens de localização para as empresas nacionais oferecidos por outros países
14	Abrandamento, estagnação ou reduzido crescimento da economia portuguesa	35	Vantagens de localização para as empresas estrangeiras oferecidos pelos países do Leste
15	Diminuição do tempo de chegada aos principais centros urbanos nacionais	36	Vantagens de localização para as empresas estrangeiras oferecidos pelos países asiáticos
16	Desaceleração do crescimento da população portuguesa	37	Vantagens de localização para as empresas estrangeiras oferecidos pelos PALOP
17	Diminuição do caudal dos rios portugueses devido ao Plano Hidrológico Espanhol	38	Vantagens de localização para as empresas estrangeiras oferecidos por outros países
18	Agressividade concorrencial dos produtos agro-pecuários espanhóis	39	Taxa de juro internacional elevada
19	Agressividade concorrencial de outros produtos espanhóis	40	Abrandamento, estagnação ou reduzido crescimento da economia internacional
20	Oferta em Badajoz de bens a preços concorrenciais	41	Movimentos especulativos financeiros a nível internacional
21	Diminuição do tempo de chegada a centros urbanos espanhóis importantes		

Fonte: Inquérito Delphi

Poder-se-á assim, e em jeito de síntese, referir que da análise externa (ameaças e oportunidades), e da análise interna (debilidades/fraquezas e forças/trunfos/vantagens), ressalta uma agregação apresentada na página seguinte

Conforme referido, a informação acima recenseada no âmbito da análise externa e da análise interna, é seguidamente condensada numa listagem que permite uma mais rápida apreensão desta problemática, que condiciona o posicionamento actual e futuro do Alentejo na dinâmica gerada pela globalização.

AMEAÇAS

Âmbito nacional

- Continuidade do processo de litoralização
- Vantagens concorrenciais de produtos das restantes regiões
- Primado do princípio da eficiência sobre o princípio da equidade

Âmbito internacional

- Oferta diversificada de localizações vantajosas para as empresas
- Vantagens concorrenciais de produtos similares dos produtos endógenos

OPORTUNIDADES

Âmbito nacional

- Degradação da Qualidade de Vida na Área Metropolitana de Lisboa
- Apoio institucional ao desenvolvimento do interior
- Interesse pelas produções tradicionais e pelo património da região

Âmbito internacional

- Apoio por parte da UE ao desenvolvimento das regiões com atrasos de desenvolvimento
- Interesse pelo património da região e pelas produções tradicionais

DEBILIDADES/FRAQUEZAS

- Debilidade demográfica
- Baixa produtividade da terra e do trabalho
- Reduzida dinâmica empresarial, e insuficiente qualificação dos recursos humanos
- Clivagens políticas e estratégicas, baixa densidade organizacional e capacidade operativa pouco eficiente

FORÇAS/TRUNFOS/VANTAGENS

- Vontade generalizada (por parte dos principais responsáveis institucionais e empresariais, e outros actores relevantes) de vencer a batalha do subdesenvolvimento
- Dotação em infra-estruturas de apoio ao desenvolvimento e à QDV
- Vantagens de localização
- Existência de recursos naturais renováveis e não renováveis
- Razoável qualidade do Ambiente

Uma reflexão sobre o relacionamento entre as componentes das análises externa e da análise interna, de forma a reflectir sobre o grau de influência de umas sobre as outras, e também sobre si próprias, exercício efectuado com base no quadro seguinte, proporciona aproximação do Alentejo face à globalização.

Quadro 6
MATRIZ DE CRUZAMENTO / INTERRELACIONAMENTO DE FACTORES

	Ameaças	Oportunidades	Debilidades	Forças
Ameaças	Matriz A x A	Matriz A x O	Matriz A x D	Matriz A x F
Oportunidades	Matriz O x A	Matriz O x O	Matriz O x D	Matriz O x F
Debilidades	Matriz D x A	Matriz D x O	Matriz D x D	Matriz D x F
Forças	Matriz F x A	Matriz F x O	Matriz F x D	Matriz F x F

Legenda: A – Ameaças; O – Oportunidades; D – Debilidades; F – Forças.

Fonte: Santos (1997)

O resultado da reflexão apontou no estudo prospectivo sobre o Alentejo para um panorama que se caracteriza por: i) um forte condicionamento da situação da região pelos factores exógenos, ii) uma reduzida capacidade de influência por parte dos actores da região nos factores exógenos, iii) uma situação económica endógena simultaneamente influenciadora e influenciada negativamente (dando assim origem a um processo circular cumulativo: o círculo vicioso do subdesenvolvimento ou da perifericidade), iv) uma situação demográfica débil e sensível aos efeitos perniciosos dos factores endógenos, que vai agravar esses factores endógenos negativos e favorecer factores exógenos adversos, iv) uma dinâmica cultural e educacional prejudicada pelos efeitos desfavoráveis de outros factores endógenos, v) uma dotação em infra-estruturas, e uma situação ambiental favorecidas e favoráveis ao desenvolvimento do Alentejo.

A reflexão sobre estes resultados revela que as perspectivas de evolução do Alentejo são potencialmente críticas, na medida em que os factores favoráveis se encontram em desvantagem face aos factores adversos¹¹. O aproveitamento sustentável dos trunfos que a região detém está assim muito dependente, na fase de descolagem, da efectiva concretização de uma política voluntarista, associada à consciencialização das próprias fraquezas e à capacidade de mudança endógena, o que para a sobrevivência da região coloca diversos problemas e desafios de natureza estratégica, nomeadamente o tipo de visão ou visões que se traçam para o Alentejo em termos de Desenvolvimento, Ordenamento do Território, Ambiente e Qualidade de Vida (questão abordada mais à frente).

As situações futura, presente e pretérita, já descritas e respeitantes ao Alentejo prendem-se com factores abaixo referenciados, cujo grau de condicionamento negativo, insuficiências, efeitos limitantes ou gravosos, no desenvolvimento, no ordenamento, no ambiente e na Qualidade de Vida, se explicita de acordo com uma escala de Likert de 5 pontos no Quadro 7.

¹¹ Panorama que corrobora a consistência da tese defensora do cenário mais provável apresentado em *Alentejo 2010*.

Quadro 7
GRAU EM QUE OS ASPECTOS NEGATIVOS INERENTES A CADA FACTOR
ENDÓGENO CONDICIONAM NO LIMITE A EVOLUÇÃO DO ALENTEJO

Cronologia do grau de condicionamento	Futuro	Actual	Retrospectivo
Factores condicionantes			
Geo-ecológicos	Intermédio (-2)	Razoável (-3)	Raz. a elev. (-3,5)
Demográficos	Elevado (-4)	Razoável (-3)	Intermédio (-2)
Político-institucionais e organizacionais	Razoável (-3)	Elevado (-4)	Elevado (-4)
Económicos	Elevado (-4)	Elevado (-4)	Elevado (-4)
Culturais e Educacionais	Intermédio (-3)	Elevado (-4)	Elevado (-4)
Dotação em infra-estruturas e equipam. de apoio ao desenvolvimento	Reduzido (-1)	Razoável (-3)	Elevado (-4)

NOTA: Pontos da escala adoptada: **0** - nula; **-1** - reduzida; **-2** - intermédia; **-3** - razoável; **-4** - elevada

Fonte: entrevista estruturada a especialistas em desenvolvimento

Mas esta “arquitectura de interiores”, é, como já foi referido anteriormente, uma das vertentes da problemática do sub-desenvolvimento do Alentejo, não sendo por si só suficiente para realizar uma abordagem explicativa/compreensiva do objecto deste trabalho, pelo que para colmatar o mais possível essa insuficiência, recorrer-se-á no próximo ponto a uma identificação da “constelação dos exteriores”.

No seguimento da análise SWOT, estes factores indicam quais são os factores mais críticos que requerem directa ou indirectamente uma atenção prioritária.

No âmbito de uma abordagem exógena (nacional e supra-nacional), a situação actual e futura, e a situação anterior, estão associadas aos factores e respectivo grau de condicionamento, apresentados no quadro seguinte.

Quadro 8
GRAU EM QUE OS ASPECTOS NEGATIVOS INERENTES A CADA FACTOR
EXÓGENO CONDICIONAM NO LIMITE A EVOLUÇÃO DO ALENTEJO

Cronologia do grau de condicionamento □ Factores	Futuro	Actual	Retrospectivo
Efeitos associados às tendências centrípetas polarizadas pelas regiões do centro da União Europeia /Europa	Razoável (-3)	Intermédio (-2)	Intermédio (-2)
Efeitos associados ao paradigma funcionalista institucional ¹²	Intermédio □(-2)	Razoável □(-3)	Elevado □(-4)
Efeitos associados ao paradigma funcionalista empresarial	Elevado □(-4)	Elevado □(-4)	Razoável □(-3)
Efeitos associados ao paradigma territorialista /territorialismo	Reduzido □ -1	Nulo □(0)	Nulo □(0)
Aposta nacional nos principais trunfos do país (litoral em geral e Lisboa em particular)	Elevado (-4)	Elevado (-4)	Intermédio (-2)
Centrifugação/polarização do Alentejo pelo triângulo «litoral do Algarve/Área Metropolitana de Lisboa/ /Badajoz (ABL)».	Razoável a elevado □(-3,5)	Razoável a elevado (-3,5)	Reduzido (-1)

NOTA: Pontos da escala adoptada: 0 - nula; -1 - reduzida; -2 - intermédia; -3 - razoável; -4 - elevada

Fonte: entrevista estruturada a especialistas em desenvolvimento

De entre os factores internos sobreleva-se os factores de âmbito: i) demográfico; ii) económico, iii) político-institucional e organizacional, e, iv) cultural e educacional. De entre os exógenos sobreleva-se: i) os efeitos associados ao paradigma funcionalista empresarial (a atribuição de funções ao espaço pelas empresas, e a consequente des-territorialização), ii) a aposta nacional nos principais trunfos do país (litoral em geral e Lisboa em particular), e iii) a centrifugação/polarização do Alentejo pelo triângulo «litoral do Algarve/Área Metropolitana de Lisboa/Badajoz».

Poderá assim afirmar-se perante este panorama que, conforme se processar a conjugação de variáveis tais como: i) as limitações exteriores, ii) a correlação de forças (do progresso e da estagnação) a nível nacional, iii) a filosofia de base e a capacidade de manobra do poder central, iv) o peso político de cada região, v) a correlação de forças (do progresso e da estagnação) a nível regional, vi) os trunfos de que cada região dispuser e, vii) as respectivas debilidades, assim serão os contornos do desenvolvimento regional e local.

Face ao quadro traçado, uma questão que se coloca agora, consiste em deduzir a evolução provável do Alentejo, de forma a apontar quais as respostas que essa situação provável exige.

¹² Atribuição e distribuição das funções do espaço, a partir de cima (*top-down*) em versão *soft*, e como contraponto ou como complemento à actuação das empresas

A EVOLUÇÃO PROVÁVEL E AS RESPOSTAS DO ALENTEJO NUMA ÉPOCA DE GLOBALIZAÇÃO

No Alentejo os actores com competências no âmbito do desenvolvimento e do OT, podem criar e criaram já algumas das condições necessárias para o desenvolvimento (infra-estruturas, órgãos de apoio, estímulos materiais), mas não conseguem criar num curto espaço de tempo a constelação de condições suficientes para a eclosão de um processo que será incremental, ou seja, ir-se-á construindo por fases (com o apoio do poder central e da União Europeia).

Assim, o Alentejo provável até 2010 será muito provavelmente o Alentejo da melhoria (reduzida) de muitas das variáveis endógenas essenciais para um processo de desenvolvimento. Será muito provavelmente o Alentejo em que quase tudo melhorará pouco (quando comparado consigo mesmo), para que a região globalmente fique um pouco melhor do que na mesma (em termos relativos).

Será o Alentejo da diminuição populacional, do lento desaparecimento (distanásia) de algumas comunidades locais, do revigoramento de outros locais (capitais de concelho, e de distrito nomeadamente), e do agravamento de assimetrias intra-regionais. Será muito provavelmente o Alentejo da progressiva descaracterização do seu *faciês* agro-pecuário,¹³ e estância de segundas residências, destino de lazer no interior e no litoral.¹⁴

Mas será também o Alentejo da recusa deste destino provável mas não desejável, com mais capacidade de luta (porque espicaçado pelas contrariedades) e com a esperança num futuro melhor (porque animado por alguns êxitos). Será uma região em que se aprofundará o exercício de reflexão estratégica e de clarificação de opções estratégicas, e em que se envidarão esforços de reorganização e readaptação, de concretização de alguns projectos estruturantes locais e sub-regionais, lutando para responder às exigências sociais e políticas que se coloca a si mesma. Será o Alentejo da continuação na procura esforçada do caminho para o desenvolvimento, possivelmente adiado para lá de 2010, muito provavelmente apostando na criação de riqueza conforme consta na matriz “Potencial de Crescimento de Mercado x Parcela de Mercado”,¹⁵ a que se respeita o Quadro 9.

¹³ Devido à diminuição do número de trabalhadores agrícolas, do crescimento da agricultura de regadio, da retirada de terras para o cultivo de cereais, da tendência dos habitantes das zonas consideradas rurais para interiorizarem modos de vida dos habitantes das zonas urbanas.

¹⁴ Como denota a oferta de montes e quintas para venda nesta região.

¹⁵ Na qual se baseou esta figura (3 x 3). A matriz de base (2 x 2) foi criada pelo Boston Consulting Group (BCG), e aí os produtos são agrupados em quatro categorias. i) *Estrelas/Vedetas* (rentabilidade, fortes necessidades financeiras): produtos que vale a pena desenvolver pelo seu potencial gerador de dinheiro; ii) *Vacas de dinheiro/Vacas leiteiras* (forte rentabilidade, fracas necessidades financeiras): produtos que realizaram o seu potencial gerador de dinheiro; iii) *Pontos de interrogação/Dilemas* (fraca rentabilidade, fortes necessidades financeiras): produtos que podem ter qualidades de estrela, mas que requerem mais investigação para se determinar se merecem mais desenvolvimento ou se, em alternativa, se justifica o desinvestimento; iv) *Cães de dinheiro/Cães rafeiros* ou ainda *Tias* / (fraca rentabilidade, fracas necessidades financeiras): produtos que estão em declínio há algum tempo em termos de produção de lucros, e nos quais é duvidoso que se continue a investir (RICHARDSON; RICHARDSON, 1992; SANTOS, 1993).

Tendo em atenção as oportunidades (externas), e as potencialidades/pontos fortes (internos), então, quer a natureza e gravidade dos problemas referidos no Quadro 10, quer a situação actual e as perspectivas que se perfilam para o Alentejo, exigem a explicitação e concretização duma estratégia de desenvolvimento durável, conducente a um posicionamento favorável da região no contexto nacional e internacional. Este é o principal desafio, ao qual se subordinam outros desafios subsidiários tais como: i) motivação política generalizada para o acordo, selecção e implementação da estratégia; ii) acordo político e selecção da estratégia a implementar; e iii) criação de uma estrutura institucional para implementação da estratégia seleccionada.

Vencer estes desafios¹⁶ possibilitará permitir que as energias disponíveis na região se mobilizem em torno de um projecto mobilizador comum, conducente ao sucesso do Alentejo e à imunização contra o síndrome da imuno-deficiência societal adquirida (STHÖR), que no caso da região se encontram associados aos problemas estratégicos a debelar.

Para se ultrapassar estes problemas será conveniente gizar visões de sucesso, que permitam traçar o(s) desígnio(s) a alcançar de forma a mobilizar vontades e esforços que permitam ao Alentejo mudar a sua face socioeconómica.

Essas visões estarão assim na base de estratégias de desenvolvimento e de OT, como as que abaixo se apresentam, e das quais a que prevalecer como escolha política maioritariamente assumida, e/ou como resultado da acção conjugada dos agentes com influência no processo evolutivo da região, (ainda que com alguma frequência influenciadas em maior ou menor grau pelas restantes), continuará a moldar o perfil do Alentejo.

¹⁶ Um outro desafio interessante que se coloca consiste em realizar uma inversão da abordagem que se tem efectuado, e através de uma alquimia estratégica procurar transformar as ameaças em oportunidades (ou verificar quais são as oportunidades que cada ameaça propicia) e fazer das fraquezas forças, perspectiva inspirada pela noção de “destruição criativa” de Schumpeter. Este desafio pode ser optimizado se se adoptar a «postura do oxímoro» (figura de retórica que procede pela antítese de palavras isoladas, produzindo entre os membros antitéticos um paradoxo, como seja por exemplo, ‘o nada é tudo’)

Quadro 9
MATRIZ POTENCIAL DE
CRESCIMENTO DE MERCADO x PARCELA DE MERCADO

POTENCIAL DE CRESCIMENTO DE MERCADO/ /PERSPECTIVAS ELEVADO(AS) MÉDIO/ /MEDIANAS BAIXO(AS)	PONTOS DE INTERROGAÇÃO (Investigar) •Culturas do olival (inclui o azeite) •Culturas de regadio (milho; espécies hortícolas e frutícolas; beterraba) •Serviços de apoio à produção	CAVALOS DE GALOPE (Apostar) •Sector florestal em geral	ESTRELAS (Desenvolver) •Turismos e lazeres literais •Bovinocult. extens. •Ovinicultura extens. •Suinicultura •Vinhos de mesa •Silvicultura •Serviços relacionados c/ a 3ª Idade
	ASPIRANTES (Incentivar) •Transformação de mármore •Turismos (em áreas urbanas; rurais; activos e ou de natureza; de saúde) •Serviços culturais •Serviços relacionados com o ambiente	ELEFANTES EMANCIPADOS (Persistir) •Indústria agro-alimentar e bebidas	MAIORIAS QUALIFICADAS (Insistir)
	CÃES DE DINHEIRO (Desinvestir)	PRÉ-REFORMADOS (Manter) •Cereais de sequeiro •Minerais metálicos e pirites	VACAS DE DINHEIRO (Mungir) •Comércio •Cortiça •Extracção de mármore •Serviços de recreio e lazer •Indústria automóvel
BAIXA MÉDIA ELEVADA PARCELA DE MERCADO/ ACTUAL			

Fonte: Entrevista a especialistas em desenvolvimento

Quadro 10
PROBLEMAS ESTRATÉGICOS QUE SE COLOCAM AO ALENTEJO¹⁷
(Dificuldade de resolução e Gravidade actual)

GRAU DE DIFICULDADE DE RESOLUÇÃO	ELEVADO	•Assimetrias intra regionais	•Pulverização organizativa (várias organizações idênticas numa mesma região)	•Base económica frágil e pouco diversificada; •Duplo envelhecimento da população; •Diminuição da população e da densidade populacional; •Elevada taxa de desemprego estrutural •Mercado regional reduzido •Estrutura fundiária assimétrica
		—	•Inexistência de uma estratégia consensual de desenvolvimento regional; •Qualificação ainda insatisfatória da mão-de-obra •Composição (social) dual da população¹⁸ •Erosão e aridez dos solos agrícolas	•Ineficácia das diminutas élites regionais, e falta generalizada de capacidade empreendedora e de risco
		•Cultura (ainda muito) infraestrutural do poder autárquico	—	—
	REDUZIDO			
		REDUZIDO	MÉDIO	ELEVADO
		GRAU DE GRAVIDADE ACTUAL		

Fonte: Entrevista a especialistas em desenvolvimento

¹⁷ Entende-se por problema estratégico toda a situação cuja persistência, constitui por si só, ou conjugada com outras, um entrave expressivo ao desenvolvimento da região, e cuja resolução exige por parte de vários actores um esforço concertado bastante considerável.

¹⁸ Significando o contraste entre uma grande massa de assalariados por um lado, e uma pequena fracção de empregadores/empresários por outro.

O padrão estável e coerente, orientador de respostas, políticas, soluções e outros procedimentos que for adoptado para conseguir um determinado resultado, consiste na estratégia que um ou mais actores perfilham na sua actuação, em função da leitura que efectuam sobre a realidade em que se movem. Os principais actores do Alentejo de acordo com os seus interesses, o seu campo de actuação, e com a sua maior ou menor capacidade de influenciar o rumo dos acontecimentos, estabelecem e estabelecerão padrões de actuação, que darão corpo às estratégias parcelares e estratégias globais detectáveis no Alentejo, como a seguir se explicita, só no que se refere às estratégias globais.

São quatro as estratégias globais possíveis (resultantes da conjugação de estratégias de OT com estratégias de desenvolvimento), e que podem contribuir para modelar a região, conforme o Quadro que se segue.

Quadro 11
MATRIZ DE ESTRATÉGIAS GLOBAIS

Desenvolvimento	<i>Convergente</i>	<i>Divergente</i>
Ordenamento		
<i>Centrífuga</i>	Manter (a mais provável)	Diversificar (muito pouco provável)
<i>Centrípeta</i>	Reordenar (pouco provável)	Reestruturar (a menos provável)

Fonte: Entrevista a especialistas em desenvolvimento

A estratégia designada por *centrífuga/convergente*, seguidamente caracterizada, foi no entanto considerada pelos respondentes como a mais provável de predominar no Alentejo até 2010. Esta estratégia consiste em manter no fundamental por parte das autarquias locais e das respectivas associações, e de outros órgãos sub-regionais e regionais, as perspectivas já traçadas para a região em diversos documentos e propostas apresentados por alguns dos actores relevantes. Será até 2010 a estratégia explícita mais provável devido: i) às políticas de Desenvolvimento, Ordenamento do Território e Qualidade de Vida adoptadas a nível local, ii) aos compromissos assumidos pelos poderes locais, nacionais e supra-nacionais (preservação do espaço rural, e da identidade cultural), e iii) às expectativas criadas por essa actuação e por esses compromissos, nos, e pelos actores locais, no que se refere à concretização da equidade, e às reduzidas expectativas permitidas pela evolução mais provável da envolvente nacional e supra-nacional. Encontra-se associada a uma linha de estratégia para a região transfronteiriça designada por «modelo simples de integração interna a uma escala reduzida» que implica: i) a produção de território transfronteiriço, ii) a interacção socioeconómica ou a organização da concorrência, iii) a organização dos factores de participação, representação e institucionalização, e iv) a interacção cultural ou a socialização dos agentes transfronteiriços.

Estreitamente relacionada com a visão (de sucesso) para a região designada por “Alentejo: desenvolvimento com equidade e preservação da identidade cultural”. Assenta na preocupação com a Qualidade de Vida da totalidade da população da região. Identifica-se com um desenvolvimento tipo “extensivo” e relativamente generalizado, pelo que teria

como consequências: i) o predomínio da equidade sobre a eficiência, ii) a manutenção dos padrões de povoamento, iii) a preservação do meio rural, iv) o usufruto da melhor qualidade de vida possível por parte de toda a população, seja qual for o tipo de agregado populacional em que resida, v) a aposta na dinamização das actividades económicas características da região, vi) a preservação da qualidade ambiental como recurso fundamental para o desenvolvimento da região, e vii) o incentivo de novas actividades económicas.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

No âmbito do tema abordado, de acordo com a exposição efectuada e decorrido algum tempo após a investigação que lhe está subjacente, poder-se -á discutir qual será numa época de globalização crescente, a dinâmica interna de uma região que apresenta problemas de desenvolvimento. Como evoluirá globalmente a região? e será que os diferentes subsistemas territoriais tendem para evoluir no sentido da coesão económica e social, ou pelo contrário é provável que se agravem algumas disparidades inter-regionais?

Qual é papel do sector público em regiões com problemas de desenvolvimento e com baixa densidade populacional, num panorama em que a mobilidade de capitais, de mercadorias, de serviços e de pessoas é cada vez mais fluida?

Em que funções ou que nichos deve afinal o Alentejo apostar, de forma a garantir um desenvolvimento o mais homogéneo possível?

Até que ponto é possível transformar algumas fraquezas em forças, de modo a conseguir-se desencadear um impulso que permita inverter o agravamento de algumas debilidades, e afirmar o Alentejo como uma região próspera com base num processo de desenvolvimento sustentável?

Questões estas que se colocam para discussão face a resultados que apontam para uma vulnerabilidade do Alentejo em sectores tais como o demográfico, o económico e a da qualificação dos recursos humanos, a capacidade empresarial e de risco e a capacidade de inovação, numa região em que a dotação em infra-estruturas de apoio ao desenvolvimento tende para uma situação satisfatória

Um observatório que inclua informação disponível e informação provocada, poderá nestas circunstâncias proporcionar aos decisores, numa época de globalização, um precioso instrumento de auxílio na reflexão e actuação conducente ao desenvolvimento (nas dimensões objectiva e subjectiva) do Alentejo.

BIBLIOGRAFIA

AIRAUDI, Serge (1994) "Le destin de la globalisation" *Revue Française de Gestion*, nº 100, Set.-Out., pp. 9-21

FEIO, Paulo Areosa (1998) *Território e Competitividade: uma perspectiva geográfica do processo de internacionalização do sector cerâmico*, Lisboa, Edições Colibri

GRUPO DE LISBOA (1994), *Limites à competição*, Mem Martins, Publicações Europa América

GUERRA, Isabel (1996), "Economia global e alternativas locais: metrópoles e micrópoles" *Sociedade e Território*, nº 23, Outubro, pp. 115-123

LOPES, A. Simões (1986), "Perspectivas de desenvolvimento (um ponto de vista)" in Maria Manuela SILVA (organiz), *Portugal Contemporâneo -problemas e perspectivas*, Oeiras, Instituto Nacional de Administração, pp. 596-609

LOPES, Ernâni (1996), "Globalização dos mercados, integração europeia e soberania nacional. Tópicos de leitura para a viragem do século", *Nação e Defesa*, nº 80, Out.-Dez., pp. 13-26

MACEWAN, Arthur (1994), "A factura do mercado global" *Expresso*, nº 1140 de 3/9/1997

MURTEIRA, Mário (1990), *Lições de Economia Política do Desenvolvimento*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença (1ª ed.: 1983)

REIS, José (s.d.), "O desenvolvimento local é possível?" in AAVV, *O desenvolvimento local é possível?*, s.l., SPER

SANTOS, Marcos Olímpio G. (1997), *Alentejo 2010: O Cenário mais provável* (tese de doutoramento), Évora, Universidade de Évora

SARDENBERG, Ronaldo (1996), "Globalização: Visão do Atlântico Sul", *Nação e Defesa*, nº 80, Out.-Dez., pp. 35-55

SILVA, Maria Manuela (1982), *Planificação Regional*, Lisboa, Direcção Geral de Educação de Adultos